

IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DA RAIVA BOVINA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

João Marcelo Silva Rocha¹, Amanda Kaylla Ferreira de Oliveira¹, Geovanna Myrela Lima de Souza¹, Francisco Antônio da Silva Félix¹, José Prudêncio da Silva Neto¹, Giovanna Costa do Nascimento¹.

¹Centro Universitário Católica de Quixadá, Quixadá/CE, Brasil (e-mail: marcellojoao283@gmail.com)

A raiva bovina é uma encefalomielite viral aguda e fatal, causada por vírus do gênero *Lyssavirus*, sendo uma das zoonoses mais importantes para a saúde animal e humana. A transmissão ocorre principalmente pela mordedura de morcegos hematófagos (*Desmodus rotundus* Geoffroy), mas estudos indicam que espécies não hematófagas, como insetívoras e frugívoras, também podem atuar como reservatórios do vírus. O Brasil abriga mais de 180 espécies de morcegos, das quais apenas três são hematófagas. No Semiárido, destacam-se espécies como *Glossophaga soricina* (nectarívora) e *Artibeus lituratus* (frugívora), que compartilham abrigos com *Desmodus rotundus*, favorecendo a manutenção do vírus na natureza. As condições climáticas secas, a presença de cavernas e o contato frequente entre fauna silvestre e rebanhos tornam a região propícia à circulação viral.

Diante do exposto, objetivou-se analisar a literatura científica sobre a epidemiologia, o ciclo silvestre, os sinais clínicos e as estratégias de controle da raiva bovina, com ênfase nas particularidades do Semiárido brasileiro. A relevância do tema decorre dos impactos econômicos e sanitários da doença, que afeta diretamente a pecuária e representa risco à saúde pública.

Entre 2010 e 2024, foram registrados 48 casos humanos de raiva no Brasil, sendo 24 transmitidos por morcegos e 9 por cães. Na região do Semiárido brasileiro, houve 9 casos de raiva humana entre 2013 e 2017. Nos rebanhos bovinos, a doença causa grandes prejuízos econômicos devido à morte de animais, queda na produção de leite e carne, custos com vacinação, controle e perdas de produtividade, impactando a renda dos produtores locais.

As principais estratégias e técnicas de controle incluem a vacinação anual obrigatória dos rebanhos, a vigilância ativa de focos suspeitos, o monitoramento

de colônias de morcegos, o uso de vampiricida tópico (pasta anticoagulante aplicada em morcegos capturados), o bloqueio vacinal em áreas afetadas, a notificação imediata de casos e a educação sanitária. Também são fundamentais a assistência técnica contínua aos produtores, a realização de visitas às propriedades rurais para orientar sobre medidas preventivas e a promoção de ações educativas junto às associações, escolas e comunidades, discutindo o tema e reforçando a importância da vacinação e da vigilância. Em humanos expostos, o protocolo de profilaxia pós-exposição, com aplicação de vacina e imunoglobulina antirrábica, é o método preventivo mais eficaz.

Conclui-se que a integração entre serviços veterinários, produtores rurais e órgãos públicos é essencial para fortalecer a vigilância epidemiológica e ambiental. Discutir a raiva bovina sob o conceito de Saúde Única é fundamental para reduzir os impactos socioeconômicos e promover uma pecuária mais segura e sustentável no Semiárido brasileiro.

Palavras-chave: Raiva bovina; Lyssavirus; Desmodus rotundus; morcegos não hematófagos; zoonose; Saúde Única.

Agradecimentos: Centro Universitário Católica de Quixadá.